

A teoria das práticas sociais em Bourdieu e Lahire: diálogos e divergências

BERNARDO MATTES CAPRARA *

Resumo: O objetivo do artigo é examinar a teoria das práticas sociais a partir da sociologia de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, sublinhando seus diálogos e divergências. As duas perspectivas dialogam com o problema sociológico da relação entre indivíduo e sociedade, ação e estrutura, e podem ser vistas como modelos praxiológicos de investigação da vida em sociedade. Bourdieu formulou uma teoria das práticas que procura desenvolver uma relação dialética entre os comportamentos individuais dos agentes, motivados por disposições socialmente adquiridas, o *habitus*, e as estruturas objetivas, os campos. Lahire, por sua vez, opera com uma teoria das práticas que ambiciona dar conta dos processos de diferenciação ocorridos desde a metade do século XX, definindo os indivíduos como participantes de uma pluralidade de contextos de ação e portadores de patrimônios de disposições plurais.

Palavras-chave: teoria sociológica; praxiologia; habitus; disposições.

The theory of social practices in Bourdieu and Lahire: dialogues and divergences

Abstract: The objective of the article is to examine the theory of social practices from the sociology of Pierre Bourdieu and Bernard Lahire, highlighting their dialogues and divergences. The two perspectives dialogue with the sociological problem of the relationship between individual and society, action and structure, and can be seen as praxiological models for investigating life in society. Bourdieu formulated a theory of practices that seeks to develop a dialectical relationship between the individual behavior of agents, motivated by socially acquired dispositions, the habitus, and objective structures, the fields. Lahire, in turn, operates with a theory of practices that aims to account for the processes of differentiation that have occurred since the mid-twentieth century, defining individuals as participants in a plurality of contexts of action and bearers of heritage of plural dispositions

Key words: sociological theory; praxiology; habitus; dispositions.



* **BERNARDO MATTES CAPRARA** é professor de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Doutor em Sociologia (UFRGS).

Apresentação

O objetivo do artigo é examinar a teoria das práticas sociais a partir da sociologia de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. As duas perspectivas dialogam com o problema tradicional sobre a relação entre indivíduo e sociedade, e podem ser vistas como modelos praxiológicos de investigação da vida em sociedade, na medida em que definem o mundo social como feito de fluxos incessantes de práticas que fundamentam processos concomitantes de formação da sociedade pelos agentes e dos agentes pela sociedade.

Bourdieu (2008, 2004, 1996) construiu uma teoria das práticas que procura desenvolver uma relação dialética entre os comportamentos individuais dos agentes, motivados por disposições socialmente adquiridas (*habitus*), e as estruturas objetivas (campos) pelas quais se relacionam os agentes, ocupantes de diferentes posições sociais. Lahire (2008, 2005, 2001), por sua vez, trabalha uma teoria sociológica que dê conta dos processos de diferenciação ocorridos desde a metade do século XX, que colocam os indivíduos como participantes de uma pluralidade de contextos de ação. Isso faz com que as ciências sociais tenham de investigar as relações sociais em escala individual, enfatizando mais o trabalho reflexivo que o agente faz sobre si mesmo.

Se Bourdieu deu maior relevância aos traços de homogeneidade entre os agentes, originados a partir do *habitus* de classe, sendo os *habitus* individuais derivações da estrutura objetiva de classe, Lahire ilumina os processos multiformes de incorporação do social por parte dos agentes. Em Lahire, é preciso valorizar a análise das tensões entre as diferentes disposições que constituem o indivíduo, investigando as ativações, inibições ou atualizações dessas disposições. O artigo

apresenta uma síntese das teorias das práticas de ambos os autores, sublinhando seus principais diálogos e divergências.

A teoria das práticas em Pierre Bourdieu

A teoria das práticas de Pierre Bourdieu (2004, p. 49) é carregada pela intenção de solucionar os principais antagonismos que partem ao meio a sociologia. Por um lado, Bourdieu chama de “objetivista” as teorias que explicam a vida em sociedade a partir de causas subterrâneas que não se revelam à consciência imediata dos agentes, que não são explícitas à compreensão consciente dos indivíduos. Por outro lado, o autor categoriza as teorias “subjetivistas”, que explicam as relações sociais a partir das representações que os agentes produzem sobre as próprias relações sociais, numa espécie de segunda interpretação, na qual as explicações subjetivistas formulariam interpretações sobre as interpretações forjadas pelos indivíduos.

Um importante alvo para o qual Bourdieu aponta sua crítica ao “subjetivismo” consiste na fenomenologia existencialista de Jean-Paul Sartre, em derrocada no contexto da França da década de 1960. Bourdieu observa a emergência do estruturalismo e sua perspectiva “objetivista”, apontando como seu principal acerto a adoção de um olhar relacional para o mundo social, em que a realidade da vida em sociedade não se equipara a substâncias, mas deve ser entendida pelas suas relações. A vida em sociedade é definida como um conjunto de relações não visíveis a olho nu, um espaço de posições que são exteriores umas às outras, e que são definidas também umas com relação às outras.

Diante disso, a sociologia deve operar, num primeiro momento, de modo “objetivista”, construindo e analisando as posições relativas dos agentes e as

relações objetivas que eles estabelecem a partir das posições que ocupam no espaço social. Porém, numa segunda etapa, afirma Bourdieu (2004, p. 152), se o momento “objetivista” dá conta de romper com as representações imediatas dos agentes, é necessário que o sociólogo efetue mais uma ruptura, dessa vez com o próprio objetivismo. Ao passo em que o subjetivismo tem como tendência a redução das estruturas sociais às ações e interações individuais, o objetivismo tem como tendência sobrevalorizar as estruturas sociais, em detrimento das ações e das interações. Isso atribui às relações objetivas um caráter exterior ao indivíduo e ao grupo social ao qual ele pertence, e, portanto, joga peso demais nas estruturas sociais e retira qualquer papel de agência individual. Por essa razão, a sociologia precisa investigar também as percepções acerca das relações sociais engendradas pelos próprios agentes, tendo em vista que essas percepções também são relevantes na dinâmica das relações humanas em sociedade, colaborando nas lutas que se desenvolvem para modificar ou manter as estruturas sociais.

A realidade social possui um caráter inevitavelmente duplo, possuindo propriedades materiais e propriedades simbólicas, características objetivas e subjetivas. Para escapar do antagonismo entre subjetivismo e objetivismo, as ciências sociais devem examinar as relações dialéticas entre as condições objetivas em que os agentes se localizam e as disposições subjetivas erigidas pelo *habitus*, esse mediador entre o mundo externo e o mundo interno. É tarefa das ciências sociais analisar as práticas dos agentes, porque nelas se encontra a realização da dialética entre estruturas sociais e representações subjetivas dos agentes, a dialética entre condições objetivas e *habitus*.

O conceito de *habitus* é justamente esse mecanismo capaz de proporcionar a mediação entre um espaço de posições objetivas e a sua incorporação em esquemas de disposições subjetivas, numa relação de verticalidade (VANDENBERGHE, 2010, p. 64). O *habitus* é o mecanismo que dá forma à teoria disposicional de Bourdieu, o que possibilita sua teoria da ação a adicionar ao objetivismo estruturalista a intencionalidade dos agentes, ao mesmo tempo em que não permite que sua teoria recaia ao subjetivismo da intencionalidade livre de constrangimentos estruturantes relacionados a condições objetivas de existência (BOURDIEU, 2004, p. 22).

O *habitus* é o centro gravitacional da teoria de Bourdieu sobre a agência humana. O conceito abrange a composição histórico-social dos agentes, sem desconsiderar as atuações dos próprios agentes na composição das relações sociais. Isso significa que a noção de Bourdieu faz parte das abordagens teórico-metodológicas nas ciências sociais que dão preponderância ao fato de que a agência individual é modelada em grande parte através da participação dos agentes nos contextos sociais e históricos em que os mesmos estão inseridos. As estruturas sociais e as condições objetivas modelam a subjetividade dos agentes, considerando que os processos de socialização nos quais os indivíduos estão inseridos influenciam seus desejos conscientes ou não, além das suas habilidades de cognição, expressão e suas próprias práticas. Desse modo, as socializações estruturantes das subjetividades dos agentes não podem ser vistas apenas como limitadoras das intencionalidades pretensamente livres que o subjetivismo quereria indicar; ao contrário, as socializações estruturantes das disposições subjetivas consistem em dimensões criadoras, capazes de proporcionar aos indivíduos habilidades e recursos práticos para a inserção na vida

em sociedade. É justamente esse o aspecto dialético da relação entre agente e estrutura que está contido no *habitus*, e que é capaz de fundamentar a sua “sociação” e a sua “individuação” (PETERS, 2015, p. 73).

O *habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que pode ser entendido como um mecanismo de antecipação assemelhado a hipóteses práticas oriundas das experiências pretéritas (BOURDIEU, 2008, 2004, 1996). O *habitus* designa grande importância causal às experiências iniciais dos agentes, às suas socializações primárias, porque elas seriam produtoras das estruturas do *habitus* e reverberariam nas percepções e apreciações que se desenrolariam nas trajetórias dos agentes. Em função disso, as práticas não são confrontadas somente às circunstâncias do tempo presente, e tampouco é uma possibilidade derivá-las dessas circunstâncias. Da mesma forma, não se pode pensar nas práticas como consequência fechada das condições iniciais do *habitus*, na medida em que as práticas possuem a tendência de reproduzir o seu princípio gerador ajustando-se às demandas da situação que se lhes apresenta.

Bourdieu sugere que a incorporação das disposições subjetivas acontece por meio de processos de aprendizagem atravessados às trajetórias dos agentes, constituintes das suas experiências próprias diante da vida em sociedade. Essa incorporação por meio de processos de aprendizagem não é mecânica e também não é irreversível, mas sistemática e durável. Nos processos de socialização primária, os agentes situados nas classes privilegiadas em termos de capital cultural tendem a incorporar habilidades culturais por intermédio de aprendizados muito adiantados e aprofundados, e que depois vão reverberar em maiores possibilidades

de sucesso acadêmico na escolarização (BOURDIEU, 2007). Mesmo assim, é possível que ocorram aprendizagens realizadas mais tarde, em socializações posteriores aos processos primários de socialização, em aprendizagens aceleradas que substituiriam a ausência da socialização familiar que teria proporcionado a incorporação das habilidades culturais agora adquiridas.

As disposições subjetivas e suas incorporações por parte dos agentes têm associação estreita com as condições sociais objetivas às quais os agentes se deparam na vida em sociedade, e às posições em que eles se localizam no espaço social. Essa homologia entre condições objetivas de existência e disposições subjetivas de percepção e apreciação pode ser lida como um traço de determinismo na obra de Bourdieu. Para fugir dessa possibilidade, certificando-se de que os aspectos de classe não determinam totalmente as ações individuais, o autor afirma que as condições objetivas próximas no espaço social podem produzir *habitus* que se traduzem em práticas diversas e não passíveis de previsão nos seus pormenores. Os agentes que ocupam posições numa mesma classe social não se deparam com as mesmas experiências de vida, nos mesmos momentos específicos, mas eles possuem muito mais chances de terem se deparado com situações semelhantes do que os agentes que ocupam posições em outras classes sociais.

Uma das principais críticas ao edifício teórico de Bourdieu diz respeito ao ajuste muito estreito concebido pelo *habitus* entre as condições sociais objetivas de existência e a produção das disposições subjetivas dos agentes. Esse ajuste muito estreito teria como consequência a reprodução social sem falhas, fendas ou lacunas, o que não daria margens para

processos de transformações estruturais. A resposta que a teoria de Bourdieu propicia a essas críticas indica que o ajuste estreito concebido pelo *habitus* tem como prerrogativa que as condições nas quais o *habitus* foi produzido sejam encontradas no presente, de modo que as disposições possam ser atualizadas. Isso seria um caso particular do possível, mas não se concretizaria, em Bourdieu, numa possibilidade unívoca. Tanto que Bourdieu se dedica a examinar diferentes casos em que as disposições subjetivas dos agentes não se ajustam às condições objetivas, desajuste que o autor define como “histerese do *habitus*” (ALVES, 2016, p. 305). A histerese do *habitus* ocorre quando as condições de geração dos mecanismos do *habitus* não se encontram semelhantes para a sua atualização em circunstâncias do presente.

A teoria das práticas em Bernard Lahire

Bernard Lahire é outro autor importante nos debates sobre as práticas, no contexto das teorias disposicionais. Assim como Bourdieu, Lahire problematiza as práticas buscando suplantar as oposições entre as diferentes teses, tanto as mais individualistas como as mais estruturalistas. Nesse intuito, o autor configura um diálogo com e contra Bourdieu, demarcando seus próprios entendimentos sobre as práticas e as ações humanas.

De acordo com Lahire (2013, p. 17), para que seja possível compreender as práticas e os comportamentos dos agentes, há a necessidade de entender o social no seu estado incorporado, que se manifesta em disposições para crer, agir e sentir. Significa investigar as relações sociais nas suas interiorizações nos agentes, apreendendo o social através de um corpo individual. Esse corpo individual que interioriza a realidade social permeia as relações do agente com as instituições, os

diferentes grupos sociais e os diferentes conflitos entre eles. Lahire tem como proposta uma sociologia disposicional que não somente remeta ao passado incorporado pelos agentes, mas que também reconstrua a gênese das suas disposições e perscrute como elas foram socialmente engendradas. Além disso, essa sociologia disposicional pretende analisar as modalidades de atualização das disposições incorporadas pelas socializações anteriores, pretendendo ainda investigar as próprias socializações. Com isso, Lahire acredita conseguir lidar com pontos que a simples menção ao passado incorporado faz com que Bourdieu não tenha lidado com profundidade, pois conseguiria examinar os mecanismos de incorporação das disposições.

O fato de o *habitus* ser transferível de uma situação à outra, de maneira generalizada, mobiliza uma das críticas centrais de Lahire (2005, p. 13) ao pensamento de Bourdieu. O autor defende que a tese da transferibilidade do *habitus* precisa ser examinada em pesquisas empíricas. A transferência das disposições seria muito relativa, à medida que o seu conteúdo e a sua organização sejam mobilizados mais ou menos perto das condições que geraram as disposições. O problema é que Bourdieu simplificaria demais um processo em que o agente exterioriza a interioridade, processo que é repleto de complexidade e não poderia ser caracterizado como uma simples e unívoca adaptação dos mecanismos incorporados pelos agentes às circunstâncias apresentadas no presente.

A sociologia fundamentada numa escala individual, como propõe Lahire (2008), tende a mostrar que as disposições dos agentes são operadas de modo localizado, em situações sociais específicas e em domínios de práticas particulares. Essa operação localizada admite a

possibilidade de que a transferência das disposições não se dê por meio de uma aplicação mecanizada. O que o autor argumenta é que opera um mecanismo mais complexo de ativação ou suspensão das disposições, de inibição ou de atualização, indicando que os indivíduos mobilizam uma pluralidade de disposições que se relacionam com uma pluralidade de contextos sociais.

O que está por trás das críticas de Lahire a Bourdieu tem a ver com o crescimento dos processos de individualização e diferenciação ocorridos na modernidade, marcadamente desde meados da década de 1960. Nesse período, os indivíduos passaram a se deparar com uma multiplicidade de processos que atravessam a incorporação das relações sociais, o que os faria portadores de uma pluralidade internalizada de disposições pouco ou nada homogêneas, e muitas vezes contraditórias. Porém, para Lahire, não se deve interpretar a sua obra como representante das correntes de pensamento que desconstroem quaisquer entidades coletivas ou perspectivas macrosociais, como classes e instituições. A investigação do social numa dimensão “dobrada” careceria de sentido se não tivesse a possibilidade de buscar associações com as investigações do social na dimensão “desdobrada”.

A investigação do social em estado “dobrado” vai se preocupar menos com o comportamento coletivo de um conjunto de indivíduos, entendidos como participantes de determinado grupo ou classe, para lançar seu olhar em detalhes sobre o próprio indivíduo e a modelagem social que permeou sua trajetória de vida. Dessa forma, uma sociologia disposicionalista em escala individual, conforme os preceitos de Lahire (2005), deve se debruçar sobre a incorporação do social nos indivíduos, examinando sua socialização familiar e de classe, suas

experiências escolares, suas relações de trabalho, suas preferências e inserções culturais, religiosas e assim por diante. Os indivíduos são entendidos enquanto expressões da variação da incorporação plural das relações sociais.

Outra crítica de Lahire ao *habitus* bourdieusiano ataca a definição de “necessidade feita virtude”, que seria uma fonte unívoca na relação com as disposições. Na definição de Bourdieu, as disposições são fortes e decisivas para as práticas dos agentes, são necessidades que se transformam em virtudes. Para Lahire, esse entendimento ignora que as disposições são diferentes não apenas quanto à sua pluralidade, mas também quanto à força que exercem nas práticas dos indivíduos, variando conforme o seu grau de fixação nos processos de incorporação da exterioridade. Os indivíduos se relacionam de maneiras distintas com sua multiplicidade de disposições incorporadas. Tal relacionamento variante é caudatário da forma como foram incorporadas as disposições, das circunstâncias da vida do indivíduo quando elas foram incorporadas e também do contexto em que elas se atualizam no tempo presente.

Na teoria de Bourdieu, a aderência das disposições subjetivas às práticas dos agentes seria caracterizada, segundo Lahire, por uma força excessiva que não permite incertezas ou instabilidades. O indivíduo não produziria resistências internas e tampouco poderia ser aliciado por vontades diversas ou pulsões outras. Essa abordagem não daria conta de explicar as situações em que os indivíduos procuram se desprender de hábitos antigos e que tentam reconstruir suas vidas em novos contextos. Lahire (2001) prefere conceber o indivíduo enquanto resultado complexo de múltiplos processos socializadores que acontecem em

contextos sociais plurais e pouco homogêneos.

A perspectiva da sociologia em escala individual arregimenta distinções entre as disposições para crer e as disposições para agir. Lahire define as disposições para crer como crenças assimiladas pelos indivíduos, mas que nem sempre podem se transformar em disposições para agir. As crenças assimiladas possuem vinculações aos preceitos sociais formulados e disseminados pelas instituições em voga na sociedade, e sua incorporação advém de processos independentes das rotinas de ação que constituem as disposições para agir. A maior ou menor potência das disposições para crer depende do alcance da sua composição (aprendizado) e do alcance da sua confirmação (sobreaprendizado).

Exemplo dessa distinção pode ser encontrado quando a análise teórica identifica lacunas entre o que declaram os indivíduos e aquilo que é captado pelo pesquisador por intermédio da observação dos seus comportamentos. Nesses casos, é viável perceber quando os indivíduos interiorizam valores, normas e ideais, mas não possuem rotinas de ação capazes de favorecer a consecução dos valores, normas e ideais interiorizados. Podem ocorrer também casos em que os atores assimilam determinadas crenças, sem que tenham as possibilidades materiais para transformá-las em experiências concretas.

Lahire também se afasta do individualismo metodológico e sua forma de conceber o indivíduo como autônomo frente às “amarras” da socialização, e das correntes descritas como pós-modernas e suas interpretações que enxergam o fracionamento identitário dos indivíduos como um dado que sequer demanda exames empíricos para a sua categorização (ALVES, 2016). As querelas acerca da unicidade ou da pluralidade que constituiriam os atores

são, na compreensão de Lahire, querelas que devem ser investigadas na história e a partir de trabalhos empíricos. Em paralelo, não deixam de se manifestar como questões teóricas, pelas quais o pesquisador deve transitar interpelando as condições históricas e sociais que permitem a fabricação de um indivíduo plural ou de um indivíduo composto por um grau elevado de unicidade. Estando os atores situados numa multiplicidade de contextos sociais heterogêneos e/ou contraditórios, a tendência é que suas experiências sejam prematuras nesses cenários e, portanto, tais atores se constituam a partir de um patrimônio plural de disposições, que se relacionam com os contextos sociais dos quais emergiram.

No embate com Bourdieu, Lahire entende que sua teoria dá maior ênfase às circunstâncias do tempo presente que se apresentam aos indivíduos, às circunstâncias do tempo presente que se relacionam com as ações e práticas dos atores plurais. Bourdieu, por sua vez, estaria preso aos alicerces explicativos do *habitus* e sua atuação na qualidade de passado incorporado. Colocados diante de processos de socialização homogêneos, os indivíduos até podem agir com esquemas previsíveis de geração de práticas. No entanto, colocados diante de experiências heterogêneas que engendram sua pluralidade de disposições, os atores encontram no tempo presente as circunstâncias decisivas para ativar, inibir ou atualizar as experiências que fomentaram as suas disposições.

A sociologia disposicional em escala individual oferece ao pesquisador e à pesquisadora a oportunidade de captar as alternâncias e vicissitudes das práticas entre indivíduos e no interior dos próprios atores. Desse modo, elabora um entendimento das relações sociais que não deixa de lado as singularidades dos

indivíduos e, ao mesmo tempo, recusa a produção de simulacros ou caricaturas culturais sobre coletividades ou classes sociais. A proposição de Lahire movimentava exames dessas alternâncias e vicissitudes entre indivíduos e no interior dos próprios indivíduos nas suas relações com diversos domínios de práticas ou contextos de interação.

O problema da tese bourdieusiana teria aproximação com o fato de que ele desenvolveu os contornos do *habitus* tendo como referências sociedades com fraca diferenciação e objetivação das práticas, como as sociedades sem escrita, ao estilo das sociedades camponesas da Argélia. A importação de uma análise eficiente para essa forma de organização social não seria adequada para sociedades fortemente diferenciadas. Isso faria parte da origem dos problemas que Lahire aponta sobre o *habitus*, o que não permite que se tenha clareza acerca do hábito que funciona como modalidade da ação, desprovida de intencionalidade, e do tipo de hábito e seu grau de reflexividade. O hábito de tipo pré-reflexivo seria uma possibilidade entre outras, e por isso Bourdieu incorre numa limitação, porque enquadra o hábito num tipo específico de modalidade de ação, que é o tipo pré-reflexivo (LAHIRE, 2001).

Outro problema das teses bourdieusianas estaria refletido na sua procura por associar a engenharia da sua teoria da prática com as discussões a respeito das diferenciações culturais entre as classes e grupos. Na produção da homologia entre as disposições subjetivas e as condições objetivas de existência, para Bourdieu a tendência ao controle simbólico das práticas estaria depositada nos grupos e classes sociais que detêm um distanciamento quanto às demandas econômicas. Os indivíduos que pertencem aos demais grupos e classes, por sua vez, seriam relativamente propensos a se

mover quase que exclusivamente através do senso prático. Nessa linha de abordagem, o *habitus* balança entre se resumir ao antagonismo do controle prático versus o simbólico, e se resumir a um domínio prático que não possui consciência e opera na pré-reflexividade. Por isso, fica complicado caracterizar o *habitus* como um mecanismo geral de práticas, em função das indeterminações nos princípios de regularidade e regulação das práticas. Lahire propõe desviar essas indeterminações por intermédio do conceito de hábito, que passa a consentir com variações sociais importantes em diálogo com relevância maior ou menor da reflexividade nas socializações dos distintos indivíduos.

No que concerne à problemática das relações entre ação e intenção, Lahire se distancia de Bourdieu em duas dimensões, tanto na questão da escala de análise, quanto no sequenciamento estipulado para a ação. Bourdieu entende a prática através da pré-reflexividade, através dos seus elementos desprovidos de intencionalidade, na medida em que a ação se desenrola acionando as trajetórias dos agentes em diferentes campos, cada qual com suas relações de forças e lutas. Os agentes não carregam consciência expressa e clara a respeito da totalidade dos recursos e das razões que mobilizam para realizar suas ações. Eles podem erigir planejamentos e intencionalidades em determinado domínio, levando em conta determinada prática, e, segundo Lahire, tais intencionalidades poderiam emergir desde um exame da prática em escala individualizada e dos seus contextos de ação.

Considerações finais

Pierre Bourdieu e Bernard Lahire pretenderam articular alternativas para os antagonismos que percorrem as teorias da ação nas ciências sociais. Os autores fizeram isso a partir de uma teoria disposicional das práticas, procurando entender a dialética entre condições sociais objetivas e disposições subjetivas incorporadas. No entanto, ao enfrentar as teses que chama de subjetivistas, voltadas para salientar a força da racionalidade, da consciência e das intenções dos sujeitos, Bourdieu sublinha os aspectos pré-reflexivos do *habitus* e o impacto das condições objetivas na sua incorporação. O *habitus* daria coerência às práticas dos agentes, consistindo no senso prático do qual derivam todas as ações.

Lahire contraria o tom homogeneizante do *habitus*, construindo uma crítica que fomenta o entendimento da incorporação de disposições pelos atores que podem ser heterogêneas. As disposições podem ser contraditórias umas às outras, inclusive, dado as diferentes socializações que atravessam a vida dos atores em diferentes contextos sociais. Nesse caminho, Lahire se afasta de Bourdieu, defendendo que os indivíduos são feitos de pluralidades internas, com conflitos e desajustes que se dão entre as disposições subjetivas e as condições objetivas. Para isso servem as categorias de “hábito” e “patrimônios individuais de disposições”.

É verdade que Bourdieu e Lahire possuem distâncias relevantes quando abordam o conceito de prática. Por um lado, Bourdieu salienta uma espécie de homogeneidade no *habitus*, enquanto Lahire destaca a heterogeneidade das disposições. Por outro lado, Bourdieu entende o *habitus* a partir da sua mobilidade geral transferível entre diferentes situações, embasada na socialização de classe, enquanto Lahire sublinha a plasticidade mutante das

disposições no âmago do próprio indivíduo. Sem desconsiderar esses afastamentos, vale ressaltar que os dois autores trabalham num eixo epistemológico bastante próximo, tendo em vista o entendimento da relação entre teoria e empiria. Ambos entendem que suas proposições teóricas sobre as práticas só fazem sentido e ganham relevância sociológica informando de perto a investigação empírica.

Referências

- ALVES, A. R. C.. Dos habitus de classe aos patrimônios individuais de disposições: reflexões sobre a prática em Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. **Revista Sociologias**, 18 (42), Porto Alegre, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- _____. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.
- LAHIRE, B. O singular plural. **Cadernos do SocioFilo**, 4º caderno, IESP/UERJ, 2013.
- _____. Esboço do programa científico de uma Sociologia psicológica. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 373-389, maio/ago. 2008.
- _____. **O Homem Plural: as molas da ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- _____. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Problemáticas**, n. 49, 2005.
- PETERS, G. **Percursos na teoria das práticas sociais: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu**. São Paulo: Annablume, 2015.
- VANDENBERGHE, F. **Teoria Social Realista: um diálogo franco-britânico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

Recebido em 2022-12-21
Publicado em 2023-03-13